

CIDADES GLOBAIS: PERSPECTIVAS À LUZ DO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN

Antônio Silveira Neto¹

RESUMO

O objetivo do artigo é fazer uma correlação entre as teorias do sociólogo polonês Zigmunt Bauman sobre o medo e a incerteza nas cidades e o conceito de cidades globais da socióloga holandesa Saskia Sassen, apresentando a perspectiva de Bauman sobre a globalização, seus efeitos nas grandes cidades, bem como a ideia de cidades globais capitaneada por Saskia Sassen e como essas duas visões sobre as cidades se entrecruzam. Buscou-se explicitar os conceitos de Bauman sobre modernidade líquida, consumidor falho, medo e incerteza, como também apresentar as suas considerações sobre o papel do Estado nesse novo modelo de sociedade contemporânea. Quanto a Sassen, definiu-se as características das cidades globais e a sua crescente independência dos governos locais, em face da formação de redes globais de interação entre essas cidades, fenômeno que tem como causa a globalização econômica e cultural. Concluiu-se que o sistema capitalista, na sua atual forma, está provocando instabilidades econômicas e sociais, que geram nos indivíduos uma sensação de medo e insegurança. Esses sentimentos tem repercussão social na configuração do ambiente urbano, que passa a ser dominado por ações que visam, em nome da segurança, mais isolamento social.

Palavras-chaves: Cidades globais. Sociedade de consumo. Bauman.

GLOBAL CITIES: PERSPECTIVES REGARDING ZYGMUNT BAUMAN'S THEORY

ABSTRACT

The article's main objective is to make a correlation between the theories of Zigmunt Bauman, a polish sociologist, on fear and uncertainty in the cities and the concept of global cities of the dutch sociologist Saskia Sassen, presenting the prospect of Bauman on globalization, and its effects in large cities. It sought to clarify Bauman's concepts on liquid modernity, consumer flawed, fear and uncertainty, but also to present his considerations about the state's role in this new model of contemporary society. As for Sassen, it defined the characteristics of global cities and their growing independence of local governments regarding the generation of global networks of interaction between these cities, this phenomenon is caused by the economic and cultural globalization. It was concluded that the capitalist system in its current form is causing economic and social instabilities, that creates a sense of fear and insecurity in people. These feelings have social repercussions in shaping the urban environment, which is now dominated by actions that seek, in the name of security, more social isolation.

Key-Words: Global cities. Consumer society. Bauman.

¹ Doutorando em Direito pela Universidade de Salamanca. Mestre em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (2004). Juiz de Direito (Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba) e Professor Efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Código ORCID: 0009-0003-3829-645X

INTRODUÇÃO

Conhecido mundialmente pela sua crítica contumaz e profunda da sociedade capitalista pós-industrial, Zygmunt Bauman é autor de mais de 50 livros e foi considerado por muitos como o sociólogo mais influente da contemporaneidade (PALLARES-BURKE, 2004). Bauman (1998) descreve o nosso mundo ocidental como uma sociedade do imediatismo e da ambiguidade, voltada para satisfação de desejos momentâneos dos indivíduos, realizados por meio do consumo desenfreado, a divulgar a mensagem de que a solução dos problemas e o caminho para a felicidade está no mercado.

Suas ideias sobre o modo como as pessoas vivem expressam uma crescente crítica ao discurso neoliberal e o papel dos Estados que abdicaram da responsabilidade de promoção de políticas de bem-estar social. Na análise da pós-modernidade, Bauman (1998) identifica um mundo líquido, não concretizado, no qual a sociedade não estabelece padrões e os indivíduos permanecem constantemente em busca de novos valores, sem “enraizá-los”.

Para Bauman (2009), a sociedade que estamos inseridos está marcada pela incerteza: o que é sólido se decompõe em fluídos que não tem forma, nem cheiro, nem cor, são amorfos e instáveis. E como se desenvolve essas novas formas de interação humana no espaço, por excelência, do capitalismo moderno: as cidades?

No seu livro “Confiança e Medo na Cidade” (2009), Bauman analisa as consequências do que chamou de modernidade líquida no ambiente urbano, traçando as linhas básicas da dinâmica das cidades e como a globalização tem influenciado na remodelagem dos espaços urbanos.

Ao fazer as análises sobre as cidades na contemporaneidade, Bauman (2009) se vale de reflexões de sociólogos, como por exemplo Manuel Castells. Para Castells (2000), a sociedade informacional gerou grandes redes de comunicação entre as metrópoles, capazes de gerar um novo papel para esses centros urbanos, de integração global e de liderança mundial. Essa também é a perspectiva de Saskia Sassen (1995) que destaca as grandes metrópoles desenvolvidas como locais geográficos e estratégicos do processo de globalização, listadas segundo uma hierarquia de importância para o sistema global de finanças e comércio (2012).

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo é apresentar a perspectiva de Bauman sobre a globalização, seus efeitos nas grandes cidades e o fenômeno das cidades globais analisado por Sassen e como essas duas visões sobre as cidades se entrecruzam.

1. A GLOBALIZAÇÃO

51

Uma expressão que se tornou lugar comum nos meios acadêmicos, políticos e econômicos, a globalização pode ser vista como um processo de expansão do capitalismo e da sua cultura para todo o mundo. O termo foi originado nas escolas de administração dos Estados Unidos, diretamente relacionado à expansão das atividades das empresas multinacionais (BARBOSA, 2003).

Também está relacionada com o desenvolvimento tecnológico dos sistemas de transporte, de comunicações e, sobretudo, de informática que intensificaram a circulação de bens, serviços, capitais, conhecimento, tecnologias, culturas, informações e ideias entre vários países.

Vários costumes sociais foram atingidos com o desenvolvimento das redes de telecomunicações que aproximaram os países e as pessoas. As atividades econômicas foram intensificadas com a expansão da informática e da telecomunicação, permitindo que instituições financeiras, conglomerados industriais e empresas de serviços se integrassem num mercado mundial sem fronteiras e livre da regulamentação dos Estados nacionais, a exemplo da criação de serviços globais, por meio de plataformas digitais e da estratégia de multinacionais de alocação de recursos em países com infraestrutura adequada, mão-de-obra escolarizada e barata, incentivos financeiros e fiscais, as chamadas regiões *greenfield* (2020).

A expansão dos fluxos de informações, por meio da televisão e da internet, principalmente, afetou não só os mercados, mas também os valores morais e políticos das sociedades, à medida que permitiu a difusão de uma cultura global de consumo e de entretenimento.

Logo, a globalização que atualmente atinge quase todos os países do mundo se caracteriza por ser um fenômeno de grande mudança social, intensificado com o

fim dos regimes socialistas da década de 1990, que propagavam uma ideologia opositora ao sistema capitalista.

Todavia, como todo processo em formação, verifica-se que a abertura dos mercados e integração das economias dos países é assimétrica e incompleta. Os Estados-nação continuam com políticas protecionistas, impondo barreiras comerciais a produtos estrangeiros, como por exemplo, as tarifas de importação cobradas pelos Estados Unidos ao açúcar brasileiro e ao suco de laranja. No ambiente empresarial, houve significativa expansão das multinacionais, principalmente após a onda de privatizações da década de 90, com instalação de filiais nos países periféricos, em busca de mão de obra mais barata e menos restrições legais para desenvolver atividades, em muitos casos, de natureza poluidora, prejudiciais ao meio ambiente local.

A transferência das atividades produtivas das empresas aconteceu, no mais das vezes, sem a devida transferência de tecnologia e conhecimento, servindo as filiais como locais de montagem de produtos ou de escoamento de bens. Os centros de pesquisa, desenvolvimento e inovação dessas empresas continuam, em sua maioria, nos países onde estão as sedes das multinacionais.

A mobilidade das unidades produtoras das multinacionais tem levado a desindustrialização de países da Europa e Estados Unidos, com a instalação de fábricas em Estados cuja legislação trabalhista, de segurança e ambiental são menos restritivas.

Na visão de Bauman a globalização permitiu as empresas vencerem a “Grande Guerra de Independência em relação ao Espaço” (BAUMAN, 1999, p. 15), pois os empregados, presos ao local onde moram não conseguem, em sua grande maioria, seguir a companhia quando ela resolve se instalar em outra cidade. A própria comunidade não tem como se deslocar para acompanhar a empresa e os fornecedores da região vão amargar a desintegração da cadeia de produção em face da retirada das empresas. Apenas os investidores não estão presos àquele espaço, tendo em vista que podem, por meio de corretoras e bolsas de valores, adquirir ações das companhias sem preocupação com o local onde elas estão. Os verdadeiros proprietários das empresas são os acionistas e a eles cabe a decisão de mover a companhia para onde os lucros forem mais satisfatórios.

A mobilidade adquirida por 'pessoas que investem' – aquelas com capital, com o dinheiro necessário para investir – significa uma nova desconexão do poder face a obrigações, com efeito uma desconexão sem precedentes na sua radical incondicionalidade: obrigações com os empregados, mas também com os jovens e fracos, com gerações futuras e com a autorreprodução das condições gerais de vida; em suma, liberdade face ao dever de contribuir para a vida cotidiana e a perpetuação da comunidade. Surge uma nova assimetria entre a natureza extraterritorial do poder e a contínua territorialidade da 'vida com um todo' – assimetria que o poder agora desarraigado, capaz de se mudar de repente ou sem aviso, é livre para explorar e abandonar às consequências dessa exploração (BAUMAN, 1999, p. 16).

Além disso, o processo de expansão das empresas foi também acompanhado de novas formas de concentração de mercado, com o aumento de fusões e incorporações com vistas a ampliar a presença das multinacionais nos países centrais e periféricos (BARBOSA, 2003).

A globalização fez ampliar também uma ideologia econômica chamada de neoliberalismo que buscou, em nome do desenvolvimento e da expansão do capital, a desregulamentação da economia, crítica ao Estado de bem-estar social e prevalência do mercado de capitais e das transações financeiras internacionais sobre a produção.

Por outro lado, a conjuntura econômica global tem gerado um ambiente propenso a crises financeiras do capitalismo que, em face do mercado globalizado e integrado pelos sistemas de informação, atinge rapidamente a economia de todos os países. Essa é opinião de David Harvey:

Acho muito significativo que, ao longo dos últimos 30 anos, boa parte do investimento não tenha ido para a produção, mas para ativos e valorização de ativos, como aluguéis de terras, preços de imóveis, até mesmo para o mercado de artes. E, obviamente, foi para ações e quotas de empresas e o setor financeiro inventou várias inovações que permitem que se ganhe dinheiro jogando com o dinheiro. Em outras palavras, nos últimos 30 anos, vivemos em um sistema muito propenso a crises, e elas quase sempre diziam respeito a valores fictícios, sendo as dívidas, em especial, um dos maiores deles. Muitas das crises foram crises urbanas, pois boa parte dos investimentos urbanos é especulativo. Desta vez foi a crise das hipotecas, da habitação e continua nesse caminho, com a crise de Dubai, por exemplo, pelos investimentos no mercado de construção. De certo modo, eu diria que isso é um aperitivo do que está por vir, por causa da maneira como as crises se espalharam pelo mundo. Elas se espalham cada vez mais rápido e se tornam mais profundas, acabando por se tornar mais globais. É provável que esse padrão se repita, a menos que haja uma reconfiguração radical do sistema capitalista (HARVEY, 2010)

Esse raciocínio converge com a ideia de Bauman (1999) sobre a globalização, como um processo de desordem, cujos predicados são a incerteza, o

medo e a ausência de um “painel de controle” da economia. “A ideia de ‘globalização’ refere-se explicitamente as ‘forças anônimas’ [...] operando na vasta ‘terra de ninguém’ (BAUMAN, 1999, p.68). As palavras do autor são esclarecedoras:

Devido à total e inexorável disseminação das regras de livre mercado e, sobretudo, ao livre movimento do capital e das finanças, a ‘economia’ é progressivamente isentada do controle político; com efeito, o significado primordial do termo ‘economia’ é o de ‘área não política’. O que quer que restou da política, espera-se, deve ser tratado pelo Estado, como nos bons velhos tempos – mas o Estado não deve tocar em coisa alguma relacionada à vida econômica: qualquer tentativa nesse sentido enfrentaria imediata e furiosa punição dos mercados mundiais (BAUMAN, 1999, p. 74).

A capacidade do Estado de tomar decisões e da própria política como um sistema de decisões coletivas prevalentes sobre o sistema econômico levou Bauman (1999) questionar quem agora tem o controle da ação coletiva. “*Em vez de perguntar o que deve ser feito, devemos com mais proveito investigar se há alguém capaz de fazer o que deve ser feito*” (BAUMAN, 1999, p. 76). E arremata ao dizer que a mobilidade dos atores econômicos tem dificultado a organização de questões sociais numa efetiva ação coletiva.

A globalização econômica avança na reconfiguração das cidades e, conforme Harvey (2010), muitas das suas crises estão relacionadas com a questão urbana. Na década de 1980 a economia japonesa entrou em recessão devido à especulação imobiliária. Em 1987 vários bancos americanos entraram em falência em razão da especulação com habitação e desenvolvimento da propriedade imobiliária. Em 2008 os Estados Unidos presenciaram uma das suas maiores crises financeiras que se iniciou com a quebra do tradicional Banco *Lehman Brothers* fundado em 1850, motivada pelos financiamentos de imóveis para famílias americanas, sem qualquer análise sobre a capacidade de pagamento dos devedores, gerando um grande mercado especulativo.

Além disso, por ter sido um investimento globalizado, essas hipotecas foram renegociadas no mercado financeiro mundial, produzindo uma especulação avassaladora e um efeito dominó sem precedentes. Resultado: a crise americana das hipotecas *sub prime* deixou 14 milhões de famílias sem moradia, principalmente, a população de baixa renda, e uma crise urbana onde os pobres perderam suas casas a custa da atividade especulativa. (SASSEN, 2012).

Essas considerações tanto de Bauman (1998) quanto de Harvey (2010) demonstram os efeitos que a globalização e o financismo do capital são capazes de produzir nas economias locais e, sobretudo, nas cidades.

O espaço público também passa a ser reconfigurado nas cidades, em decorrência das novas formas de atuação das forças econômicas globais, trazendo a necessidade de se pensar e discutir os seus efeitos.

3. CIDADES GLOBAIS

55

A globalização da economia fez surgir novas teorias para explicar o modo de organização das cidades. Uma delas é o conceito de cidade global, desenvolvido por Sassen (1995).

Para Sassen (1995) o atual momento histórico tem como principal característica o incremento nas tecnologias da informação que proporcionam a mobilidade do capital. A globalização, segundo Sassen (1995), também incrementa fluxos de mão de obra, mercadorias, matérias-primas e turistas. A desregulamentação da economia e a abertura do mercado nacional para empresas estrangeiras é apontado ainda como uma das consequências da globalização.

O enfraquecimento dos Estados-nação e a participação crescente de atores econômicos estrangeiros nas economias nacionais, por meio de investimentos, tem modificado os centros de poder. Passam as cidades a terem importância fundamental no processo de globalização porque, diante da dispersão do capital, certas cidades tornaram-se centros de comando do mercado transnacional, como, por exemplo, Nova York, Londres e Tóquio.

A tese de Sassen (1995) é de que a globalização demanda novos espaços especializados, sendo que determinadas cidades dotadas de infraestrutura urbana, centros de pesquisa e mão de obra qualificada, seriam o local adequado para o desenvolvimento do capital global.

Além disso, municiadas de amplas redes de comunicação, as cidades globais estariam conectadas entre si, cada uma desempenhando diferentes funções de acordo com a sua vocação econômica. Para Sassen (2008) , Mumbai, na Índia, por exemplo, faz parte de um circuito global de incorporação imobiliária que inclui empresas provenientes de diversas outras cidades, como Londres, na Inglaterra e

Bogotá, na Colômbia. Buenos Aires, na Argentina, pertence a um circuito comercial mundial de *commodities* que inclui Chicago (EUA) e Mumbai.

As cidades globais possuem certas características que as distinguem das demais cidades. Sassen (1995) as diferenciam com o levantamento de várias hipóteses que embasam a sua teoria. São elas:

- a) As multinacionais, ao ampliar sua atuação no planeta, precisam, cada vez mais, de serviços especializados de alta complexidade, como por exemplo: contabilidade, auditorias, relações públicas, telecomunicações, assistência jurídica etc, o que leva a necessidade de terceirizar suas atividades com a contratação de empresas para as áreas já mencionadas. Essas empresas de serviços especializados que operam nos mercados mais complexos estão sujeitas a uma economia de agregação que levam a uma concentração delas em determinados centros urbanos, que funcionam como centros de informação, formando uma rede extremamente densa. As cidades globais seriam aquelas que concentram esses serviços de informação necessários ao bom desempenho das empresas globais.
- b) O crescimento de mercados globais financeiros e de serviços, a necessidade de redes transnacionais e o papel limitado dos governos na regulamentação da atividade econômica internacional proporcionam o surgimento de redes urbanas transnacionais. Portanto, o crescimento econômico dessas cidades que concentram os serviços financeiros, a mão de obra qualificada e a infraestrutura adequada de transporte e comunicação depende cada vez menos do território circundante ou das economias nacionais.
- c) As cidades globais são aquelas que desempenhariam um papel de ligação entre a economia nacional e o mercado mundial, congregando em seu território muitas empresas multinacionais; cujas atividades econômicas se concentram no setor de serviços especializados e de alta tecnologia. (Sassen, 1995)

Em suma, as cidades globais são aquelas que apresentam uma supremacia econômica, alto grau de especialização do emprego, tem ampla disponibilidade de infraestrutura de telecomunicações e informática, concentram sedes de empresas transnacionais e de exportação, oferecem uma gama de serviços especializados e de cultura, dentro do circuito financeiro, cultural e esportivo são o palco dos grandes negócios transnacionais e recebem um grande volume de capital por meio de bolsas de valores locais.

Segundo Ferreira (2003), a conceituação de cidade global se desenvolve a partir dos impactos espaciais da revolução da informática e dos transportes que integraram os mercados financeiros mundiais e ocasionaram uma dispersão espacial das unidades produtivas das empresas. Houve, a partir da década de 1970, um forte processo de desconcentração industrial, com o declínio de grandes centros industriais, como a cidade americana de Detroit. Sobreviveram, apenas, as cidades

que possuíam centros de pesquisa, mão de obra qualificada e universidades, adaptando-se, assim, as novas tecnologias de produção.

Assim a matriz teórica da 'cidade-global' aparece como para evidenciar um modelo 'que deu certo', usando o caso das cidades mais poderosas na liderança desse capitalismo 'pós-restruturação produtiva'. O discurso é o de que são as 'cidades-globais' aquelas que serão capazes de superar o processo de desindustrialização e degradação comentado acima, o que explica o esforço verificado para rotular toda grande cidade de 'global'. Afinal, como para um bom vinho, o selo 'global' representaria uma garantia de sobrevida em um cenário econômico incerto (Ferreira 2003, p. 49)

Como visto, o discurso da cidade global busca justificar as forças transnacionais que atuam nas cidades, ao afirmar que as grandes cidades se converteram em lugares estratégicos para o capitalismo, formadoras de uma rede integrada e sem fronteiras.

As capacidades de comercializar, financiar, prestar serviços e investir, em nível global, precisam ser geradas: elas não são simplesmente um derivado do poder das empresas multinacionais e dos avanços nas telecomunicações. A cidade global é uma plataforma para produzir esses tipos de capacidades globais, mesmo quando isto exige grande número de empresas estrangeiras, neste caso em cidades tão diversas quanto Pequim e Buenos Aires. Todas as maiores ou menores 70 cidades globais do mundo contribuem para a produção dessas capacidades em seus respectivos países, funcionando, portanto, como pontes entre a economia nacional e a economia global (Sassen, 2008, p. 4).

As cidades globais são um território de centralidade do capitalismo transnacional que necessita desses espaços para desenvolver seus negócios e também para difundir a ideologia da globalização. À medida que a globalização avança, também cresce o número de cidades globais. As cidades globais são os espaços de fronteira para implantar a cultura do capitalismo.

O discurso da adaptação das cidades à crescente mobilidade do capital internacional apresentado pela teoria da cidade global visa justificar o declínio da sociedade industrial e difundir a mensagem de desnacionalização do espaço urbano, com a emergência de uma cultura da diversidade e de múltiplas identidades, próprio para novas reivindicações. Essa abertura a novas demandas na cidade, seja por parte do capital global que utiliza a cidade como "commodity organizacional" seja pelos setores mais desfavorecidos da população urbana, transforma o espaço urbano em uma zona de fronteira para novos tipos de conflitos.

Os novos atores globais ocupam as cidades e fazem, por meio de empresas estrangeiras, reivindicações sobre o espaço urbano, marcando profundamente o

panorama urbano, com exigências de infraestrutura, segurança e sistemas de telecomunicações, por exemplo. Já os habitantes locais e os imigrantes, sejam do campo sejam de outros países ou regiões, fazem suas reivindicações. Para Sassen (2008) tem se observado conflitos urbanos decorrentes da supervvalorização imobiliária e de um crescente deslocamento de populações pobres para dar lugar as empresas e estrangeiros de classe alta que reivindicam a alocação de novos espaços urbanos. Esse fenômeno ficou conhecido como gentrificação (2014).

58

4. MODERNIDADE LÍQUIDA

Em seus escritos, Bauman (2009) traz como ideia recorrente a metáfora das fases da matéria para explicar a organização da sociedade pós-moderna. Para tanto, descreve a civilização moderna, como sólida, porque se baseia na rigidez das regras impostas pela razão iluminista que acreditava na ordem como elemento primordial para o progresso humano. Nessa sociedade a liberdade do indivíduo está limitada a ideia de ordem, do estabelecimento de padrões rígidos de comportamento que proporcionam segurança aos cidadãos. Os desejos humanos são contidos em nome da razão e do senso coletivo que visam determinar os melhores caminhos para a humanidade em busca de um conhecimento verdadeiro e universal.

Enquanto a sociedade moderna é calcada na ordem, progresso, razão, na autonomia do ser humano, na universalidade, em instituições fortes, nas distinções estanques entre o público e o privado, na hierarquia e na “certeza” de um futuro promissor para a humanidade, a modernidade líquida é tomada pela fluidez e maleabilidade dos comportamentos humanos. Nessa nova sociedade o imprevisível e o imediatismo são os componentes da vida, agora permeada pelo “dominante espírito do consumismo” (BAUMAN, 1998, p. 35).

O Estado-nação já não pode garantir aos seus cidadãos o cumprimento de suas promessas de bem-estar, porque o poder sobre os destinos daquela comunidade não está mais em seu domínio, mas dependem cada vez mais de forças globais que influenciam o modo como será a vida em sociedade. A interdependência dos mercados e, por conseguinte, das economias locais, incrementada pelas redes de comunicação globais, colocam os países e os seus governos em constante estado de incerteza, tendo em vista que a crise financeira de

uma nação necessariamente irá atingir todas as outras, gerando instabilidades e efeitos que estão além da capacidade dos governos locais.

Portanto, ao contrário da modernidade sólida, que mantinha um certo grau de estabilidade nas relações sociais, pois os projetos e as perspectivas das instituições e das pessoas eram de longa duração, a modernidade líquida é contingente e temporária. Segundo Bauman (2004) a metáfora da liquidez como caracterizador da sociedade pós-moderna é:

como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". Sem dúvida a vida moderna foi desde o início "desenraizadora", "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente "re-enaizado", agora todas as coisas — empregos, relacionamentos, *know-hows* etc. — tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições. Se se toma, por exemplo, os dados levantados por Richard Sennett — o tempo médio de emprego em Silicon Valley, por exemplo, é de oito meses —, quem pode pensar num projeto de vida nessas circunstâncias? Na época da modernidade sólida, quem entrasse como aprendiz nas fábricas da Renault ou da Ford iria com toda a probabilidade ter ali uma longa carreira e se aposentar após 40 ou 45 anos. Hoje em dia, quem trabalha para Bill Gates por um salário talvez cem vezes maior não tem idéia do que poderá lhe acontecer dali a meio ano! E isso faz uma diferença incrível em todos os aspectos da vida humana (BAUMAN, 2004, p. 322)

Na era moderna, a força de trabalho estava diretamente conectada ao capital. Os trabalhadores dependiam do emprego e os empresários necessitavam dos trabalhadores para desenvolver suas companhias e obter lucro. Na modernidade líquida, o capital se desvinculou dos trabalhadores, porque pode mover-se de um local para outro e buscar, sempre, um novo contingente de pessoas e de governos que estejam dispostos a se submeter as regras menos dispendiosas e mais lucrativas.

A racionalização da atividade produtiva e o desenvolvimento tecnológico levaram ao enxugamento da empresa, com a consequente diminuição da mão de obra e flexibilização do trabalho. O desemprego, antes considerado uma reserva de mão de obra temporária, hoje é definido como estrutural e permanente.

Isso também se deve ao que Bauman (2008) chama de ruptura entre o trabalho e o capital por meio da autonomia que este último adquiriu com a

desregulamentação do mercado que proporcionou uma liberdade de movimento inimaginável. Um governo que visa o bem-estar de sua população tem de implorar para que o capital não se desloque para outras paisagens mais verdejantes. As exigências são sempre as mesmas, melhores condições para a livre iniciativa e ajuste das regras do jogo para que o poder do Estado de regulamentar a economia seja deixado de lado, evitando-se qualquer sinal de que aquela localidade administrada pelo governo não é solícita “às preferências, usos e expectativas do capital globalmente pensante e globalmente atuante, ou menos hospitaleiro para eles do que as terras administradas pelos vizinhos ao lado” (BAUMAN, 2008, p. 38).

Essa liberdade sem freios nada mais é do que, na visão de Bauman (2009, p.33), uma forma de dominação ao criar uma “*hierarquia de dominação por meio da ameaça de abandono*”, tendo em vista que “*em qualquer coletividade estruturada (organizada), a posição dominante pertence àquelas unidades que tornam sua própria situação opaca e suas ações impenetráveis aos forasteiros*”. A estratégia é “desatar as próprias mãos” ao mesmo tempo em que impõe regras estritas e rigorosas para a conduta dos outros. (BAUMAN, 1999, p. 40).

São as forças de mercado que ditam as regras de organização econômica, com reflexos sociais, sem qualquer responsabilidade política sobre os membros das comunidades locais. Portanto, a responsabilização pela ação humana foi privatizada. Abandona-se o modelo da sociedade de produtores onde havia prevalência dos valores coletivos e passa-se para uma sociedade de consumidores, cujo valor primordial é o individualismo, afinal, o ato de consumir é uma relação solitária (satisfação de desejos individuais), sem vínculos duradouros (BAUMAN, 1998).

Segundo Bauman (2008), a modernidade líquida está inevitavelmente ligada ao consumo, que se transformou na tábua de salvação para felicidade humana. Contudo, esse mundo do consumo não é inclusivo, ao reverso, baseia-se numa lógica de mercado que valoriza aquele que tem os recursos para consumir, rejeitando aqueles que não possuem capacidade de sustentar um consumismo permanente.

Nessa modernidade líquida os consumidores defeituosos são os estranhos, aqueles que não conseguem comportar-se como bons jogadores, no cassino do consumo. O que é estranho é aquilo que não se pode incorporar, assimilar e esses

consumidores falhos amargam uma continua sensação de impotência frente a um mundo sem um sentido coletivo. Os programas sociais de inclusão na vida produtiva não são mais a garantia de um emprego duradouro e estável, não há convites para participar dos projetos de construção da nação, do progresso e do desenvolvimento social.

Na ausência dessa expectativa, a única realidade que se consegue enxergar, de forma nebulosa e confusa, estampados em chamativos anúncios publicitários, são as inúmeras ofertas de novos produtos, sensações, estilos e identidades, diante das quais os novos apenas estranhos observam, e quando os dilemas de sua própria condição se lhes apresentam, de forma brutal e sem avisos prévios, não há órgãos estatais para ampará-los, definitivamente, não há mais salvação pelo Estado-Nação, e o mercado, como se sabe, tem suas próprias regras rígidas de inclusão e exclusão.

A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora. Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão. No entanto, existem mais daqueles que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer aparecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo abundante, é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e a fama (BAUMAN, 1998, p. 55).

Para aqueles que não podem se igualar aos reclamos do consumismo, por serem incapazes de se adequar a nova forma de vida, por deficiências econômicas e de posição social, serão necessariamente excluídos como “refugo do jogo”, discriminados como cidadãos imperfeitos. Numa sociedade desregulamentada há ampla liberdade para aqueles que tem condições econômicas de usufruí-la, todavia permanece uma constante sensação de mal-estar devido a grande mutabilidade de parâmetros e valores sociais, causados pelo imediatismo dos desejos e a provisoria de das relações humanas. Afora isso, a liberdade garantida na sociedade de consumo tem o preço da perda de segurança e sem segurança os indivíduos passam a ter medo.

5. CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE

Na modernidade líquida as pessoas estão cada vez mais propensas a sentir medo e obsessão por segurança. Essa é a premissa básica do pensamento de Bauman (2009): a busca do ser humano por segurança e liberdade. Quanto mais segurança, mais ordem e menos liberdade. Quanto mais liberdade, menos segurança e mais desordem. Com o enfraquecimento dos Estados-nação e a desregulamentação da vida econômica e social, os indivíduos encontram-se numa situação de maior liberdade, sem tantas regras de natureza comportamental.

O ser humano, segundo Freud (*apud* BAUMAN, 2009), sofre por três razões: 1 – pelo poder superior da natureza, que é bem mais forte do que o humano e suas invenções; 2 – pela mortalidade e decadência do corpo; é o fato de ser mortal, adoecer e envelhecer. A doença, mais cedo ou mais tarde chegará e trará sofrimentos; 3 – o convívio com o semelhante. Ter que conviver e dividir o mundo com os outros. Essas são as principais fontes de infelicidade. O homem moderno, aos poucos foi trocando o seu desejo de felicidade por mais segurança, a fim de vencer o medo do sofrimento. Na pós-modernidade houve uma substituição da segurança por mais liberdade.

O ser humano com liberdade e estando livre das amarras sociais e das redes de proteção, passa a ter que cuidar de si mesmo e ter de fazer tudo por si mesmo. Daí o retorno ao medo de ser infeliz e sofrer. O que causa esse medo: 1 – supervalorização da liberdade dos indivíduos que podem ao seu talante escolher o seu projeto de vida, sem as amarras dos vínculos sociais que, no passado, restringiam sua ação; 2 – fragilidade e vulnerabilidade do indivíduo. Para vencer essas deficiências o homem se organizou em sociedade e construiu uma rede de solidariedade. Bauman (2009) identifica dois tipos de solidariedade: 1 - a do Estado com sua rede de proteção – medidas assistenciais na saúde, seguro desemprego, educação, construção de casas populares e 2 – solidariedade entre empresários e trabalhadores.

Os medos pós-modernos tiveram início com a redução do controle estatal (desregulamentação). Na modernidade sólida os medos eram diluídos pela criação de laços artificiais como clubes, sindicatos, associações, agremiações, formando vínculos de solidariedade entre os integrantes da comunidade, necessário ao apoio mútuo e ao desenvolvimento da solidariedade. Na modernidade líquida, a

solidariedade foi substituída pela competição, fazendo com que os indivíduos passassem a contar apenas com os seus próprios meios e capacidades. Isso leva a uma sensação de abandono, pois no mundo atual a mensagem vem do mercado, que dita as regras e exige que o indivíduo seja útil e adequado. O grande medo agora, segundo Bauman (2009), é o da inadequação. O fato de não conseguir emprego e um lugar na sociedade, hoje é interpretado como um fracasso pessoal, uma condição permanente de inabilidade, uma condenação de economicamente inativo. "Ser excluído do trabalho significa ser eliminável (e talvez já eliminado definitivamente), classificado como descarte de um 'progresso econômico'" (BAUMAN, 2009, p. 23).

A racionalidade da economia pós-moderna segue a lógica de maior lucro utilizando-se de menos força de trabalho, isto é, redução de custos e aumento da "competitividade". Isso torna o ser humano um produto, que pode ser descartado e aqueles que não se adequarem a nova vida de consumo e de desenvolvimento de capacidade individuais será excluído e considerado uma pessoa que não contribui para a vida social. Estar desempregado na atualidade significa muito mais do que não ter uma ocupação temporária, como no passado, mas ser um inútil, supérfluo, inábil. Se antes aqueles que não tinha um trabalho poderia ser reeducado ou reabilitado, hoje, como o fim das redes de proteção social, essas pessoas são o refugo da sociedade que, para permanecer segura, precisa manter os inaptos a distância.

Não menos sutil é a linha que separa os 'supérfluos' dos criminosos; *underclass* e 'criminosos' são duas subcategorias de 'elementos anti-sociais' que diferem uma da outra mais pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem que por suas atitudes e comportamentos. Assim como aqueles que são excluídos do trabalho, os criminosos (ou seja, os que estão destinados à prisão, já estão presos, vigiados pela polícia ou simplesmente fichados) deixaram de ser vistos como excluídos provisoriamente da normalidade da social. Não são mais encarados como pessoas que seriam 'reeducados', 'reabilitadas' e 'restituídas' à comunidade na primeira ocasião, mas vêm-se definitivamente afastadas para as margens, inaptas para 'socialmente recicladas': indivíduos que precisam ser impedidos de criar problemas e mantidos a distância da comunidade respeitosa das leis (BAUMAN, 2009, p. 25)

Esse modelo excludente é reproduzido no ambiente urbano. Nas grandes cidades do mundo globalizado vê-se a formação de zonas de exclusão, como shoppings e condomínios. Nestes últimos, os moradores estão isolados e seguros

da conturbada vida urbana, alojam-se em espaços fechados, verdadeiros oásis de tranquilidade, mantendo distância dos considerados socialmente inferiores, daqueles que incomodam (os pobres, os sem teto, os mendigos e os vagabundos) e estão à margem da sociedade.

Mas não é só isso, o exacerbado individualismo faz com que a elite da sociedade viva na cidade, isolados em ambientes fechados, devido principalmente a deterioração do espaço público, todavia, sem a sua presença como membro da daquela comunidade. Se antes, os industriais, comerciantes e profissionais do mercado, eram frutos da localidade, hoje eles não se apegam ao ambiente no qual vivem e trabalham. O que impera é a mobilidade do capital e esta impõe a desvinculação com laços comunitários. Está na cidade, morar nela, mas não pertencer a ela, porque o isolamento e mobilidade fazem com que os cidadãos de primeira classe possam viver nos seus condomínios desinteressados pelos problemas da cidade; os seus interesses estão em outro local. O que importa é não ser incomodado, estar seguro e poder exercitar livremente seus desejos.

“A segregação das elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham como o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida” (BAUMAN, 2009, p. 28).

Essa lógica da segregação-exclusão aumenta, invariavelmente, a produção de conflitos urbanos. Os projetos arquitetônicos do setor imobiliário têm privilegiado a criação de espaços fechados, construídos para filtrar e repelir àqueles que não estão autorizados a entrar. Ao contrário do passado, em que as cidades foram concebidas para proteger seus cidadãos dos inimigos externos, os atuais programas urbanísticos servem para dividir e manter separados os seus habitantes. Segundo Steven Flusty (*apud* BAUMAN, 2009) as cidades estão permeadas de espaços de exclusão, que ele classificou em “espaço escorregadio”, marcado por vias de acesso tortuosas e inexistentes que impedem o cidadão de transpor as barreiras estabelecidas para dividir os que podem ou não se estabelecer naquele local; “espaço escabroso” que não pode ser confortavelmente ocupado, pois tem instalados borrifadores em muros que são utilizados para afastar os mendigos e vagabundos; “espaço nervoso” aquele onde o indivíduo está permanente sendo

observado por câmeras, grupos de patrulhamento e outros meios tecnológicos (FLUSTY *apud* BAUMAN, 2009. p. 42).

A arquitetura das cidades globais tem construído espaços públicos restritivos, como bancos à prova de mendigos, cilíndricos e com sistemas de irrigação para evitar que alguém se deite e durma neles. Nas estações de metrô em Copenhague, na Dinamarca, foram retirados os bancos, obrigando os passageiros a esperarem o transporte acomodados no chão.

Para Bauman (2009), as cidades são espaços de guerra nos quais os poderes globais e as identidades locais se relacionam, confrontam-se e lutam para se equilibrem entre a liberdade de convivência com novas e diversas identidades e o medo do desconhecido, daquele que não é um semelhante. As grandes cidades são o ambiente da diversidade e da sedução. Aqueles que estão em comunidades rurais e até menos em pequenas cidades sentem o desejo de sair da rotina, de fugir da falta de perspectiva e sobretudo de se libertar das tradições sufocantes das pequenas comunidades que exercem um controle social e moral maior aos seus integrantes. Num mundo globalizado que prima pela desregulamentação e, portanto, pela liberdade de escolhas, mesmo que essa liberdade só consiga ser exercida de fato por aqueles que, em face dos privilégios de raça, classe e gênero, foram bem-sucedidos economicamente no jogo sem regras dos “talentos” individuais, as pessoas se sentem atraídas pela variedade do ambiente urbano.

O desejo da diversidade e a repulsa ao desconhecido, do outro, e no dizer de Bauman (2009) do estrangeiro, gera uma ambivalência de sentimentos: quanto mais heterônoma for a cidade, maiores os seus atrativos, pois variedade promete mais oportunidades. Contudo, a existência de identidades diferentes na cidade faz crescer o sentimento de medo de conviver com aqueles que não se conhece e que não se entende. Bauman (2009) chama isso de mixofobia (medo de misturar-se). Mas, ao mesmo tempo, o desejo pelo novo e pelo diferente faz surgir mixofilia (abertura e valorização do diferente e do desigual), que impulsiona o crescimento das cidades e os conglomerados urbanos (BAUMAN, 2009).

Entretanto, essa disputa entre o medo de se misturar e o desejo do diferente tem sido ganha pela misofobia com a instituição de espaços urbanos excludentes

que reforçam continuamente o sentimento de separação, num processo redundante. Quanto mais busca-se o isolamento maior o medo de participar da vida comunitária.

Tornar os bairros residenciais uniformes para depois reduzir ao mínimo as atividades comerciais e as comunicações entre um bairro e outro é uma receita infalível para manter e tornar mais forte a tendência a excluir, a segregar. Tais procedimentos podem atenuar o padecimento de quem sofre de mixofobia, mas o remédio é por si mesmo patogênico e torna mais profundo o tormento, de modo que – para mantê-lo sob controle – é preciso aumentar continuamente as doses. A uniformidade do espaço social, sublinhada e acentuada pelo isolamento do espaço social, sublinhada e acentuada pelo isolamento espacial dos moradores, diminuiu a tolerância à diferença; e multiplica, assim, as ocasiões de reação mixofóbica, fazendo a vida na cidade parecer mais 'propensa ao perigo' e, portanto, mais angustiante, em vez de mostrá-la mais segura, e, portanto, mais fácil e divertida (BAUMAN, 2009, p. 50).

A construção de espaços públicos que proporcionassem maior integração entre os cidadãos, com ambientes que fossem mais convidativos a convivência, mais acolhedores, seriam umas das opções para evitar a paranoia mixofóbica.

Outro elemento identificado como uma usina geradora de medos na sociedade está no desenvolvimento tecnológico, isto é, no progresso. Se na era moderna o progresso era tido como algo positivo, gerador de esperanças de uma vida melhor, hoje o progresso representa uma ameaça: ser deixado de lado, excluído e descartado. A vida em sociedade está cada vez mais instável, não há garantia de permanência no emprego, muito menos de uma aposentadoria condizente com as necessidades, tampouco há segurança na posição que se ocupa na comunidade, em face das constantes crises econômicas globais, situações que minam a autoestima e confiança nas nossas capacidades e no nosso futuro. A propriedade social, definida por Castel (2005), como um conjunto de direitos que o mercado não pode comprar, a exemplo do direito à aposentadoria, passa por um processo de deterioração.

A diminuição da oferta de trabalho, na cidade e no campo, agrava a sensação de uma vida instável e a globalização e modernização dos modos de produção agrícola tem feito com que as cidades se transformem em lugares de refúgio para os que foram expulsos da agricultura (BAUMAN, 2009).

Saskia Sassen (2012) também afirma que o domínio do capitalismo financeiro global tem levado ao apoderamento dos territórios nacionais, especialmente de áreas agrícolas, por firmas de investimentos financeiros, levando a processos de

expulsão dos agricultores dos seus locais de origem e um deslocamento de pessoas para as cidades que vão formando um contingente de marginalizados, sem emprego e desenvolvendo atividades informais.

Assim, as cidades que no passado eram defesas contra o perigo do “exterior”, transformaram-se em locais cujas pessoas estão segregadas espacialmente, devido ao medo que se tem do outro, daqueles que foram excluídos do mercado e agora vagam nas cidades a procura da vida que foram alijados, a vida de consumo, ostentação e de desejos.

Para Bauman (2009) o medo e a insegurança nas cidades só poderá ser vencido com a revitalização dos espaços públicos e políticas de inclusão social dos considerados “diferentes”. Os espaços públicos devem ser destinados para o fortalecimento dos pactos e relações sociais. “... trata-se, em outras palavras, de locais onde se descobrem, se aprendem e sobretudo se praticam os costumes e maneira de uma vida urbana satisfatória” (BAUMAN, 2009, p. 70).

Os projetos urbanísticos, portanto, precisam atentar para essa nova configuração das cidades de crescente aumento dos espaços privados em detrimento dos locais públicos necessários a interação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de globalização apesar de ter trazido maior integração entre os países e pessoas, provocou também uma independência do capital frente às economias nacionais. Além disso, permitiu que os sistemas financeiros se internacionalizassem, tornando as economias dos Estados-nação suscetíveis as variações financeiras do mercado.

O incremento dos fluxos de informações por meio das redes de computadores e o desenvolvimento tecnológico permitiu que o capital ganhasse uma mobilidade nunca antes vista. As empresas, na modernidade líquida, não dependem mais dos trabalhadores de determinada localidade para produzir; podem se valer de mecanismos descentralizados de produção e comercialização de seus produtos, de modo que houve uma desconexão entre capital e trabalho.

Não bastasse isso, as variações do mercado, agora internacionalizado e de base financeira, geraram grande instabilidade econômica e social, com efeitos nas

economias dos Estados, que perderam parte de seu poder de ditar as regras econômicas e estão cada vez mais suscetíveis às exigências do capital, que visa maior desregulamentação da sua atividade para poder se expandir sem empecilhos e sem responsabilidade perante as comunidades locais.

Tem-se observado que as crises financeiras da era da globalização são, muitas delas, originadas no mercado imobiliário, com impacto significativo na organização da cidade e nos direitos fundamentais dos cidadãos à moradia.

Tanto Sassen quanto Bauman identificam nas cidades grandes transformações em decorrência do processo de globalização das economias e cultura do capitalismo pós-industrial que se alimenta do mercado financeiro e do consumismo. Entretanto, Saskia Sassen está mais interessada no papel desempenhando pelas cidades globais nessa nova fase do capitalismo, enquanto Bauman busca identificar as implicações sociais da globalização no ambiente urbano.

Ambos os autores sustentam que houve uma descentralização da atividade produtiva que afetou o mercado de trabalho e as relações de poder. Para Sassen o crescimento das cidades depende cada vez menos dos governos locais e cada vez mais dos interesses do capital globalizado. Isso traduz uma nova centralidade para o capitalismo: são nas grandes metrópoles que se concentra o poder econômico do capital global. Por sua vez, Bauman não se atém a essa perspectiva, prefere descrever os efeitos da globalização no modo de vida das pessoas e na configuração espacial das cidades, embora tenha a mesma visão de que a globalização enfraqueceu o Estado-nação e gerou uma instabilidade crônica no sistema.

Sassen observa que o número de cidades globais está aumentando a medida que a globalização se aprofunda, com alguns efeitos negativos e destaca que a distância entre aqueles que estão na elite empresarial e os habitantes locais tende a aumentar.

Essa também é a opinião de Bauman que vê na sociedade pós-moderna uma propensão, cada vez maior, ao individualismo e a exclusão social que repercute, invariavelmente, no ambiente urbano. Os espaços públicos estão sendo substituídos pelos ambientes privados de shoppings, condomínios e empreendimentos

imobiliários de acesso restrito, que prometem mais segurança ao cidadão, mas excluem os chamados consumidores falhos.

Até mesmo os espaços públicos passaram a impor barreiras aos cidadãos que estão à margem da sociedade de consumo, como por exemplo, os mendigos.

Nessa nova fase do capitalismo global as pessoas estão em constante estado de alerta frente aos riscos provocados pelas crises financeiras do mercado de capitais, que atingem a economia da maioria dos países que estão integrados ao sistema financeiro mundial. Isso tem gerado um permanente estado de incerteza e medo de perder a sua posição social, tendo em vista que, cada vez mais, devido a um individualismo exacerbado e a realização pessoal (felicidade) por meio do consumismo, os seres humanos dependem da sua condição econômica para serem reconhecido socialmente.

Aliada a essa sensação de insegurança, as pessoas estão se isolando porque tem medo do outro, de ocupar o mesmo espaço e interagir. Bauman reputa esse sentimento ao desejo do ser humano de conviver com semelhantes, com aqueles que pensam e agem da mesma forma, pois essas são pessoas previsíveis, enquanto o estranho é aquele que não se sabe como irá se comportar. Nas cidades esse medo do outro é potencializado devido a diversidade de pessoas e ampla liberdade de comportamentos que nossa sociedade passou a aceitar.

Para Bauman o medo e a insegurança nas cidades só poderão ser vencido com a revitalização dos espaços públicos e políticas de inclusão social dos considerados “diferentes”. Os espaços públicos devem ser destinados para o fortalecimento dos pactos e relações sociais.

Os projetos urbanísticos, portanto, precisam atentar para essa nova configuração das cidades de crescente aumento dos espaços privados em detrimento dos locais públicos necessários a interação humana.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. F. **O Mundo Globalizado: política, sociedade e economia**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2003.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. Entrevista com Zigmunt Bauman. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004. ISSN 0103-2070. Entrevista concedida a M.L.G. Pallares-Burke.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Trad. de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Confiança e medo na cidade**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário. Petrópolis, Vozes, 2005.
- Cerqueira, Eugênia. Caderno Metropolis, São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 417-436, nov 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3206>
- CIDADE GLOBAL. In: **Wikipédia**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_global. Acesso em: 1 fev. 2012.
- FERREIRA, J. S. W. **O mito da cidade-global**. O papel da ideologia na produção do espaço urbano. São Paulo: Ed. Vozes, 2007.
- HARVEY, D. **Vivemos em um sistema muito propenso a crises**. 2010. <http://globotv.globo.com/globo-news/milenio/v/vivemos-em-um-sistema-muito-propenso-a-crises-afirma-o-geografo-david-harvey/1843324/> .Acesso em: 12 dez. 2010.
- Lemos Walmrath, L. (2020). Decisões socioeconômicas: uma revisão da literatura acerca dos condicionantes sociais na localização do investimento econômico da indústria automotiva. CSOnline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, (31), 24. <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.29237>
- SASSEN, S. La ciudad global: una introducción al concepto y su historia. **Brown Journal of World Affairs**. Chicago, EUA, v. 11, n. 2, 1995. Disponível

em:<http://varasfadu.com.ar/pu/Textos/La_ciudad_Global-Saskia%20Sassen.pdf> .
Acesso em: 26 nov. 2011.

_____. As diferentes especializações das cidades globais. **Cidades Sul-Americanas: assegurando um futuro urbano.** *Anais*. São Paulo, London School of Economics and Political Science, 2008. ISBN 978-0-85328-305. Disponível em: <http://urban-age.net/0_downloads/South_America_Newspaper_Portugues.pdf> .
Acesso em: 2 jan. 2012.

_____. **Foro de las ciudades 2012 - "Movimientos Ciudadanos"**. 2012. <<http://www.youtube.com/watch?v=4rg9aiA52j4>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
SOROS, G. **The worst market crisis in 60 years**. 2008. Financial Times. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/0/24f73610-c91e-11dc-9807-000077b07658.html#axzz1qt9oHBvY>> Acesso em: 21 março 2012.